

* 4 AGO 1989

Ninguém opera o pacto

CORREIO BRAZILIENSE

O pacto ontem formalizado, para impedir a hiperinflação, e garantir medidas para evitar a ingovernabilidade do País até as eleições, é um avançado momento de amadurecimento político do Congresso, mas resta saber da viabilidade do cumprimento do roteiro sugerido. O Governo já hesitou diversas vezes quando teve de demitir funcionários, enxugar a máquina e cortar subsídios e incentivos fiscais. Será preciso credibilidade superior — e o Governo não a tem — para atacar esses pontos. Nem o Congresso está aparelhado para dar apoio ao Governo, no querer ou no poder. As instituições estão comandadas por uma Carta já defasada com apenas dez meses de vida, e sem sequer ter sido regulamentada. O Judiciário, por exemplo, não aceita mandar seu orçamento à aprovação do Congresso, como está no “livrinho”.

Nem se sabe exatamente onde termina a inflação e começa a hiperinflação. No dizer do economista Joffrey Aachs, a hiperinflação começa quando as taxas mensais atingem a 50 por cento. Esse é um conceito novo, e não inteiramente aceito pela área acadêmica. Tradicionalmente, a idéia de hiperinflação está associada à perda de valor do dinheiro e perda, por parte das pessoas, da noção de preço das coisas. Ora, no Brasil, os quase 30 por cento mensais já fizeram há muito tempo com que ninguém soubesse qual o valor real do cruzado novo, ou o preço de qualquer mercadoria.

Não se pode sequer admitir que as elevadas taxas praticadas possam estar estabilizadas, uma vez que vários preços, recentemente liberados, deverão sofrer ajustes pelo mercado, acima daqueles do congelamento. Os laticínios são um exemplo claro: sumiram das prateleiras dos supermercados, simplesmente porque os preços fixados pelo Governo não remuneraram o produto. Torna-se evidente aguardar que o descongelamento irá provocar aumento dos preços para corrigir a defasagem de remuneração, mas com isso provocando elevação da curva inflacionária.

Do mesmo modo, a taxa do over praticada no momento sinaliza uma inflação ligeiramente superior à do mês passado, ou seja, em agosto deverá bater em pouca coisa a de julho, em função de aumentos de preços recentes. São esses os ingredientes com que conta o Governo para enfrentar o vácuo de poder, entre o começo de agosto e as eleições. O Pacto de transição é necessário, porém o conflito não está no querer dos homens, e sim na estrutura do Estado e na psicologia negativa da sociedade, sobretudo dos empresários, para derrubar de vez a inflação. Somente o Presidente do Brasil, com as informações que detém sobre a situação das contas públicas, e com responsabilidade para escolher o melhor caminho, poderá sinalizar para onde vai a crise.